VITÓRIA ATRAVÉS DE DERROTA

“POR AMOR DE TI SOMOS ENTREGUES À MORTE TODO O DIA; FOMOS REPUTADOS COMO OVELHAS PARA O MATADOURO. MAS EM TODAS ESTAS COISAS SOMOS MAIS DO QUE VENCEDORES, POR AQUELE QUE NOS AMOU. ROM. 8.36-37.”

PARTE I - A VIRTUDE DO CEDER

Derek Prince

PARTE II - A BÊNÇÃO DA TRAIÇÃO

H. L. Roush

Primeira impressão: setembro de 1977

Segunda impressão: março de 1982

Rubiataba, Goiás

A VIRTUDE DO CEDER

POR DEREK PRINCE

Eu gostaria de falar sobre a virtude do ceder. Antes de tudo, devo dizer que, como cristãos nunca devemos ceder a certas coisas. Nunca devemos ceder em nada a Satanás. A Escritura diz: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4.7). Não devemos tampouco ceder ao pecado. Romanos 6 fala que não devemos entregar os nossos membros ao pecado. No entanto, há circunstâncias e ocasiões que surgem nas nossas vidas que só poderão ser resolvidas se aprendermos a lição do ceder. Tenho descoberto que, a virtude do ceder é uma marca de maturidade que procuro em mim mesmo e que gostaria de ver nos outros.

Recentemente eu estava ouvindo um jovem pregador, muito abençoado por Deus. É um moço excelente e Deus tem feito muita coisa na sua vida. Porém, o tema da sua pregação era o que ele poderia fazer. Tudo que ele disse foi verdadeiro e bom. Mas eu estava ouvindo e dizendo comigo mesmo: “Irmão, interessa-me saber quando você chegará ao fim de tudo isso”. Pois há uma posição no Senhor quando alcançamos o fim daquilo que nós mesmos podemos fazer. Não estou me referindo àquilo que fazemos meramente por nossas habilidades naturais ou intelectuais, mas até àquilo que fazemos nos nossos ministérios. Até nos nossos ministérios, concedidos por Deus, chegamos a um ponto onde não podemos fazer mais nada. O problema de muitas pessoas é que nunca chegaram ao ponto de reconhecer isto. O que estou dizendo aqui é o resultado do tratamento de Deus para comigo durante um período de vários anos, e tenho certeza de que ele ainda não o terminou.

O QUE FAZER COM OS FRACOS?

Vou dar algumas passagens bíblicas e em seguida algumas ilustrações. Primeiro em Rm 15.1: “Ora, nós que somos fortes, devemos suportar as debilidades dos fracos, e não agradar-nos a nós mesmos.” Esta é a marca bíblica de força. Ela não é avaliada pelo que você pode fazer; mas, essencialmente pela capacidade que você tem de suportar as fraquezas dos outros. É motivo de muito prazer e satisfação ser forte na sua própria habilidade, no seu próprio ministério, na sua própria experiência, ser o homem que possui todas as respostas — mas tudo isto não requer, na verdade, grande força espiritual. Requer grande força espiritual, isto sim, carregar as fraquezas dos outros. Creio que força espiritual é avaliada por Deus e pelas Escrituras na proporção em que somos capazes de suportar e carregar as fraquezas de outras pessoas. Para mim, isto nunca foi fácil. Paulo diz: “Nós que somos fortes, devemos suportar as debilidades dos fracos, e não agradar-nos a nós mesmos”.

E o contrário do espírito deste século. O espírito deste mundo diz: “Pegue o que você puder para si próprio. Que os fracos cuidem deles mesmos.” Tenho meditado ultimamente sobre a questão do aborto, que representa para mim um mal tremendo. Mas se você conversar com outras pessoas, elas justificarão o aborto, dizendo que muitas crianças que não são desejadas, desta forma não entram no mundo — sejam crianças ilegítimas, ou de lares- problemas ou de mães incapazes de dar luz. Ao invés de permitir o nascimento destas, matamo-las antes de saírem do ventre. Eu aprendi pela experiência, indiferentemente das decisões do Supremo Tribunal Federal ou qualquer outro Órgão, que Deus qualifica este ato como homicídio. Aprendi isto na experiência, e creio que o mesmo é desvendado claramente pelas Escrituras.

Mas o que eu quero demonstrar é que uma vez estabelecida a medida do certo e errado como aquilo que nos agrada ou que corresponde aos nossos desejos e necessidades, nos colocamos numa vereda escorregadia que leva a uma cova profunda e horrível. Diante de cada decisão, escolheremos aquilo que nos favorece, conseqüentemente abandonamos os outros ao sofrimento e morte. Por exemplo, que faremos com a criança que nascer irremediavelmente incapacitada, que nunca terá nada além de uma vida estática e vegetal? Para que mantê-la com vida? Já está diante dos tribunais da Califórnia o caso de dois pais que deliberadamente deixaram de alimentar uma criança que nasceu nestas condições. Permitiram que ela morresse. Depois de estudar este caso, falaremos dos idosos, dos doentes mentais, etc. Um após o outro, os riscaremos da nossa lista, em nome do humanitarismo.

Quero esclarecer, entretanto, que esta não é a resposta cristã. E isto não somente porque Deus proíbe o aborto, mas porque a atitude que leva a sua consumação é totalmente contrária à atitude cristã. Nós não cortamos os fracos e débeis da nossa lista, nem sequer os relegamos alguma instituição de caridade, para que, por nós, sejam esquecidos. Um dos sinais mais salientes dos cristãos do primeiro século era o cuidado que eles tinham para com os fracos. Cuidavam dos doentes e não os desamparavam. Isto impressionava profundamente o mundo antigo que não conseguia entender a razão porque os cristãos se preocupavam com pessoas que realmente nada tinham a lhes oferecer em troca. Ao invés de oferecerem algum lucro, davam apenas responsabilidade e dependência.

Tenho aprendido que ignorar ou marginalizar as pessoas que nos trariam fraquezas, dificuldades ou prejuízos, não é uma demonstração de força em nós, mas de fraqueza. São os dependentes, os incapacitados, os enfermos, os crentes fracos, que provam a nossa força espiritual. É evidente que chegamos ao ponto no mundo atual onde não podemos mais viver pelos padrões do nosso século. Se você for cristão, sua motivação principal não será a de obter maior lucro para si próprio, como os demais, e sim fazer o que Jesus Cristo quer que você faça. Logo que você comece a viver para agradar ao Senhor, inevitavelmente terá uma vida em todos os aspectos diferente dos

incrédulos e não-convertidos ao seu redor. Você não precisará mercadejar com a sua doutrina, pois sua própria vida o manifestará como uma pessoa diferente.

A LOUCURA TRIUNFANTE DA CRUZ

Paulo diz que não devemos agradar-nos a nós mesmos. Eu tenho aprendido que todas as vezes que fiz algo eficaz para Deus, que Lhe é aceitável, não comecei procurando agradar a mim mesmo. Descobri que esta regra é inevitável, invariável. Cada vez que me encontro agradando a mim mesmo, não estou fazendo nada de valor para Deus. A primeira coisa que eu tenho de fazer é negar-me a mim mesmo. Este ego dentro de mim que está sempre se afirmando e reivindicando os seus direitos, dizendo: “Eu quero, eu desejo, eu sinto, eu penso, se você me pedisse opinião, é disto que eu gosto” — tudo isto tem de ser negado. Tenho que dizer: “não”. Não há dificuldade nenhuma em entender o que significa negar-se a si próprio. Negar significa dizer “não”. O que você tem de fazer é dizer “não” a si próprio. Se você não aprender a dizer “não” a si próprio, e isto constantemente, será impossível viver uma vida cristã. Você não pode agradar a si próprio e a Cristo ao mesmo tempo. É impossível.

Lucas 9.23: “Se alguém quer vir após mim” — isto é universalmente aplicável — “a si mesmo se negue, dia a dia tome sua cruz e siga-me.” O que é a primeira coisa que você faz quando você decide seguir a Jesus? O primeiro passo? A si mesmo se negue: Você nem pode *começar* a seguir a Jesus enquanto você não tomar esta decisão. Depois ainda diz: dia a dia tome a sua cruz”.

Eu não gostava daquela expressão: “dia a dia”. Durante muito tempo eu evitava este versículo de Lucas 9, pois eu conheço um outro versículo onde não inclui esta parte do “dia a dia”. Mateus 16.24, se você deseja saber, não fala sobre levar a cruz “dia a dia”. Minha teologia e pregação se baseavam numa experiência com a cruz de uma vez por todas. Esta experiência, sem dúvida alguma, é totalmente correta e fundamentada pela teologia bíblica. Mas não é a história completa. Aqui, pois, Jesus introduziu sorrateiramente estas palavras: “dia a dia”. “Tome a sua cruz *dia a dia*”.

Creio que cada dia representa para o cristão uma oportunidade de tomar a sua cruz. Se você aproveitar a oportunidade, terá um dia vitorioso. Se perder a oportunidade, terá um dia de derrota. E o que é a sua cruz? Ouvi Charles Simpson dizer uma vez: “A sua cruz é onde a sua vontade e a vontade de Deus entram em choque”. A sua cruz é a coisa ou instrumento sobre o qual você morre. E o lugar onde você pode entregar a sua vida. Quando Jesus foi à *cruz* ele disse: “Ninguém tira a minha vida de mim — tenho poder para a entregar e também para retomá-la de novo” (ver Jo 10.17, 18). Neste sentido ninguém vai tirar a sua vida pela força. Se você não a entregar voluntariamente, continuará tendo o controle e domínio dela. A sua cruz, querido irmão, não é a sua esposa, a não ser que você tenha poder para a entregar e para tornar a tomá-la outra vez! Nem a sua, minha senhora, poderá ser o seu marido. A sua cruz é o lugar onde você resolve não agradar a si próprio.

Não posso ministrar aos outros enquanto eu estiver agradando a mim mesmo. O ego maldito dentro de mim não tem nada a oferecer a ninguém. Tenho que tratar com o ego, antes que qualquer ministério de Deus possa jorrar da minha vida. Jesus disse que é melhor fazer isto todos os dias. Muitas e muitas vezes durante o dia chegamos a situações onde a nossa vontade e a vontade de Deus entram em conflito. Temos que ver isto como uma oportunidade, e não como um desastre — uma oportunidade para levar a nossa cruz.

1 Co 1.25: “Porque a loucura de Deus é mais sabia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.” É um paradoxo. Há uma fraqueza que vem de Deus que é mais forte que qualquer força que podemos conhecer ou possuir. Há uma loucura que vem de Deus que é mais sábia que qualquer sabedoria que possamos ter ou adquirir. Houve uma coisa na qual a loucura e a

fraqueza de Deus encontraram sua expressão mais completa — a cruz. Na loucura e fraqueza da cruz Deus triunfou sobre toda a sabedoria e força deste século. Creio que Deus está exigindo de você e de mim que aprendamos este tipo de fraqueza e este tipo de loucura.

Nunca foi um esforço para mim, na minha própria personalidade, ser forte. Deus tem abençoado e usado a força que eu tenho. Mas Deus me mostrou que esta força só poderá me levar até um certo ponto. Se este ponto me for suficiente, posso parar lá mesmo. Muitas vidas e ministérios param justamente nesse ponto. Vou referir-me daqui a pouco sobre ministérios e suas alternativas.

SUA HERANÇA - OU O ESPÍRITO DE CRISTO?

“Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8.9). Na primeira parte do versículo diz que “não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós”. E depois continua dizendo: “E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”. O sinal característico que o torna um filho de Deus é o fato de você possuir o Espírito de Cristo. Há muitas pessoas que receberam o batismo com o Espírito Santo; falam em outras línguas e operam milagres, mas demonstram pouco, ou quase nada, do Espírito de Cristo.

O sinal que somos de Deus não é se falamos em línguas ou não. Nem é a operação de milagres. Nem é a pregação de sermões maravilhosos. É possuir o Espírito de Cristo. Creio que o Espírito de Cristo não pode ser separado da personalidade e natureza de Jesus Cristo. Se você me perguntasse como é o Espírito de Cristo, teria que responder que é um Espírito manso, meigo, humilde; não arrogante, que não procura se afirmar, nem se agradar a si próprio. Creio que é este Espírito que marca ou que distingue o verdadeiro filho de Deus dos demais.

Já ouvimos bons ensinamentos sobre como tomar posse da nossa herança, e receber o que nos pertence. Eu mesmo já preguei muito sobre isto. Posso pregar em qualquer instante sobre 3 Jo 2: “Amado, acima de tudo faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma”. Graças a Deus eu creio nisto! Mas sabe de uma coisa? Aos olhos de Deus, você não prosperará em afirmar os seus direitos. O Espírito de Cristo não reivindicava os seus direitos. Creio que prosperidade, saúde, paz interior, e bem-estar de alma são todos direitos da nova criação. Mas muitas vezes são anulados pelo homem velho por causa dos seus próprios propósitos egoístas.

Quando eu vejo pessoas dizendo: “Irmão, tome posse”, algo dentro de mim chora. Porque quando ouço aquelas palavras: “Irmão, tome posse”, vejo imediatamente um ego arrogante afirmando os seus direitos. Quantos gostariam de morar com alguém que constantemente está “tomando posse”? Interiormente estou cansado dessa asserção legalista da minha herança em Cristo. Estou fatigado de ver os cristãos sendo ensinados a adquirirem saúde e prosperidade. E claro que precisam disto, mas irmão, depois de haver aprendido essas coisas, você ainda não saiu do pré-primário, espiritualmente. Sua força não é aquilo que você tem, nem o que você pode demonstrar. Sua força é sua capacidade de suportar e carregar as enfermidades dos fracos. Isto é inteiramente diferente.

O Espírito de Cristo é um espírito que cede voluntariamente. Creio que ele é o exemplo supremo do ceder. Antes de finalizar, quero falar sobre o exemplo de Jesus. Gostaria de mostrar, inicialmente, um contraste: “o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar” (Fp 2.6). Jesus tinha o direito de igualdade com Deus. Pertencia a ele por natureza e direito divinos. Ele não procurou alcançar, nem cobiçar aquela posição. Lúcifer, que se transformou em Satanás, não tinha o direito de igualdade com Deus; ele cobiçou aquela posição, e caiu.

Diante deste contraste, exercito a minha mente para descobrir quanto da nossa reivindicação de direitos, auto-afirmação, e exigências são expressões do Espírito de Cristo e quanto procede de outra fonte. Creio firmemente que o movimento carismático terá que enfrentar esta questão. Teremos que discernir entre verdadeiros e falsos profetas, verdadeiros e falsos ministérios, entre aqueles que servem a Deus em espírito e em verdade e os que não o servem. Pois milagres não constituem o sinal distintivo. O sinal que separa é o Espírito de Cristo. Se alguém não tem o Espírito de Cristo, este tal não é dele.

Creio que o movimento carismático é o intervalo entre duas ondas. Uma onda está voltando ao mar, e outra está chegando. Entre as duas há uma confusão e o mar se torna encapelado, levantando muita sujeira pela agitação de duas forças em sentidos opostos — este é o movimento carismático. Não é o propósito final de Deus — pode crer! Algo mais virá, ordenado, disciplinado, que vai honrar a Cristo, e promover humildade, amor fraternal, onde cada um considera o outro melhor que a si próprio.

Quanto a mim, o dia do individualismo, do homem de Deus de fé e poder, está se desvanecendo. Digo isto sem criticar nenhum homem que poderia merecer aquele título. Temos que nos acostumar com o fato de que Deus não está fazendo sempre a mesma coisa. Encontramos uma fórmula que funciona, e operamos nela até que a matamos. Recordo-me do que Paulo disse aos atenienses em Atos 17.30, falando sobre os séculos de idolatria: “Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância”. Por um espaço de tempo, Deus não julgou os atos de ignorância. No entanto, agora, “notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam”. Muitos argumentam que Deus permitiu determinada coisa durante dez anos, por isto, ele vai continuar a permitir. Mas não é assim. Deus não levou isto em conta. Mas agora ele está olhando e perscrutando a situação, dizendo: “Você deve mudar”. E quando Deus diz que você deve mudar, o meu conselho é: mude!

AMOR A SI PRÓPRIO - OU AO MENINO?

Quero examinar agora alguns exemplos de pessoas que cederam. No princípio de 1 Reis 3, Deus apareceu a Salomão e falou-lhe: “Pede-me o que quiseres”. Não é fácil ser colocado por Deus numa situação como essa, onde ele se dispõe a nos dar qualquer coisa que lhe pedirmos. Salomão não pediu riquezas, nem honra, nem a vida dos seus inimigos - ele pediu a sabedoria. Pediu um coração sábio e capaz de ouvir. Deus se agradou tanto do seu pedido que lhe disse que daria não só o que Salomão pediu, mas as coisas que não pediu também.

Depois disto, lemos a respeito do caso das duas mulheres prostitutas. Elas moravam numa mesma casa e cada uma havia dado à luz uma criança. Durante a noite, cada qual com seu filho na cama, uma delas deitou sobre seu filho e o matou. No dia seguinte havia duas mães, contudo apenas um filho. Ambas queriam possuir aquele que ainda estava vivo. A mãe verdadeira reivindicava o seu direito sobre seu filho e a outra mãe, de igual forma, dizia que o vivo era dela. Portanto levaram o caso a Salomão para julgar — as duas mulheres e uma criança.

Salomão ouviu o caso. Uma dizia: “A criança viva é minha”. A outra dizia: “Não, mas ela é minha”. Salomão disse então: “Só há uma coisa que se possa fazer. Trazei-me uma espada. Cortarei o menino em duas partes para que cada uma possa ter a metade”. A mãe do menino que morreu concordou que se fizesse assim para que ela tivesse a sua parte. Mas a mãe verdadeira não queria ver o filho morrer e disse ao rei: “Dá-lhe o menino todo para ela! Que ele permaneça vivo”. Salomão disse: “Esta é a mãe do menino”. A sabedoria do rei se tornou conhecida em todo o Israel.

A lição aqui é muito simples. Se o menino for realmente seu, antes de vê-lo morrer, você o entregará à outra mulher. Esta é a prova verdadeira. Muitas e muitas vezes, no serviço cristão e no ministério, um homem dá à luz uma coisa que é realmente dele. Outra pessoa depois aparece para

reivindicar um direito de posse sobre a sua revelação ou obra ou outra coisa qualquer. Sucede-se uma discussão e uma luta entre os dois, e eu poderia citar um caso após outro onde isto tem ocorrido na igreja, nos últimos trinta ou trinta e cinco anos. Isto não é uma teoria! Mas a prova verdadeira é que se o “menino” for seu, você prefere entregá-lo à outra “mulher” que vê-lo morto.

Muitas vezes nós somos provados desta forma. Porventura, vou querer reivindicar o meu ministério, o meu sucesso, e estabelecer a minha reputação — ou estou disposto a permitir que outro venha possuir todo o fruto do meu trabalho, todas as minhas realizações, os resultados de todas as minhas orações e dores de parto? A resposta depende se amo a mim mesmo mais que a criança, ou se amo à criança mais que a mim mesmo. A próxima vez que você enfrentar uma situação assim, você poderá medir a realidade e profundidade do seu amor. Se estiver disposto a entregar o seu tesouro precioso, o seu “menino”, é porque você o ama. Se, pelo contrário, reivindicar a sua parte, a sua metade, é porque não o ama.

SOLTAR OU AGARRAR?

Vamos examinar um pouco a história de Abraão. Ele havia saído de Ur dos caldeus em obediência à palavra do Senhor - mas não em obediência total. No capítulo 12 de Genesis, Deus falou-lhe para sair da sua terra, da sua parentela e da casa do seu pai, para entrar na terra que lhe mostraria. Abraão não obedeceu inteiramente. Ele levou consigo seu pai e seu sobrinho. Ele não havia recebido autorização de Deus para levar nenhum dos dois. Enquanto Abraão estava com seu pai, ele só alcançou a metade do caminho à terra que Deus lhe queria dar. Harã está no meio do caminho entre Ur dos caldeus e Canaã. Enquanto seu pai não morreu, Abraão não conseguiu chegar além de Hara.

Muitas pessoas fazem da mesma forma. Deus fala: “Saia daí, deixe tudo para trás e mostrar-lhe-ei a sua herança”. Mas nós queremos levar conosco papai. “Papai” pode ser uma afiliação denominacional, pode ser uma aposentadoria ou uma outra situação especial. Deus fala: “Enquanto você estiver com ‘papai’, só vai chegar até a metade do caminho”. Abraão não conseguiu entrar em Canaã enquanto seu pai estivesse com ele. Atos 7.4 diz: “Com a morte de seu pai, Deus o trouxe para esta terra”.

Mesmo assim, Abraão ainda tinha um problema - Ló. Ló nunca deveria ter estado com Abraão na terra prometida. Não demorou muito e tanto Abraão como Ló estavam prosperando. Adquiriram tantos rebanhos e bens que se tornou impossível viverem lado a lado conforme tinham feito até aquela data. Houve contenda constante entre seus pastores (Gn 13.7). Diante disto, Abraão falou a Ló: “Acaso não está diante de ti toda a terra? Peço-te que te apartes de mim; se fores para a esquerda, irei para a direita; se fores para a direita irei para a esquerda” (Gn 13.9). Ora, Abraão era o mais velho. O chamado de Deus tinha vindo a ele e não a Ló. A herança pertencia a Abraão. No entanto, ele se afastou e disse a Ló: “Faça a sua escolha primeiro”.

Depois disto, Deus lhe falou nos versículos 14, 15: “Ergue os olhos e olha desde onde estás para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente; porque toda essa terra que vês, eu te darei, a ti e à tua descendência, para sempre”. Essa era a sua herança. Porém, enquanto Abraão não aprendeu a lição do ceder, Deus não lha mostrou. Enquanto você tentar segurar o que é seu, dizendo: “Isto é meu, eu não solto”, você não verá aquilo que precisa ver. É o espírito que cede que recebe a herança, não o espírito que agarra e cobiça e segura, dizendo: “Você não pode tirar isto de mim, pois Deus me deu — é meu”. Enquanto você tiver essa atitude, não receberá o que Deus tem para lhe dar. É preciso ceder!

UM MINISTÉRIO - OU MUITOS MINISTÉRIOS?

Em muitas ocasiões, minha esposa tem compartilhado comigo o que lhe sucedeu na Palestina antes do nosso casamento. Ela morava naquela época numa cidade chamada Ramallah, uns 16 km ao norte de Jerusalém. Embora trabalhasse especialmente com crianças, um avivamento, obra soberana de Deus, irrompeu entre as mulheres árabes daquela cidade. Minha esposa foi o instrumento que Deus usou. Aquelas mulheres árabes entravam incrédulas e saíam convertidas, libertas de espíritos imundos, batizadas no Espírito Santo — em um só encontro com Deus! A obra estava crescendo e desenvolvendo, um testemunho para o Senhor, quando um missionário que morava em Jerusalém resolveu tomar posse daquela obra. Enviou para lá um obreiro árabe para dizer: “Esta obra é nossa! Nós tivemos uma obra nesta cidade antes da sua chegada”.

Ora, este ato era injustificável e incorreto. Minha esposa compreendia aquelas mulheres e as amava. Eu dou testemunho deste fato, pois vinte e cinco anos depois voltamos àquela aldeia. Quando as mulheres ficaram sabendo que minha esposa estava na cidade, elas saíram correndo para as ruas para abraçá-la. Depois de vinte e cinco anos não tinham se esquecido dela!

No entanto, diante daquela situação e da força superior de um homem contra ela, ela disse o que Abraão dissera: “Você é que escolhe. Se você for para a esquerda, irei para a direita”. E o homem disse: “esta obra é nossa e tomaremos posse dela”. Minha esposa disse às mulheres árabes: “De agora em diante não teremos mais reuniões. As reuniões se realizarão em tal lugar; vão para lá assistí-las, sejam fiéis e sustentem aquela obra”. Após um ano aquele trabalho morreu completamente pois aquele homem não era chamado por Deus e não era sua a obra. Contudo, a minha esposa havia sido vitoriosa.

O que aconteceu foi o seguinte. Durante a Segunda Guerra Mundial, soldados ingleses e americanos do Oriente Médio descobriram aquele lugarejo de Ramallah e foram para lá buscando a Deus e o batismo no Espírito Santo. Nos três anos seguintes dezenas e dezenas de soldados e militares ingleses e americanos se encontraram com Deus, foram batizados no Espírito Santo naquele orfanato. Eu mesmo estava nas Forças Armadas da Inglaterra, radicadas no Sudão, no centro da África. Ouvi de outro soldado que se eu quisesse realmente receber uma bênção, deveria ir àquele pequeno orfanato uns 16 km ao norte de Jerusalém. Portanto, a próxima vez que recebi licença, viajei através do rio Nilo ao Egito, dali para Jerusalém e finalmente cheguei àquele orfanato. Recebi lá a minha bênção!

Mas a chave da história é que de acordo com as tradições do Oriente Médio, aquelas mulheres árabes nunca poderiam ter estado num local onde estavam chegando militares ingleses e americanos. Se a minha esposa tivesse se agarrado ao seu ministério com as mulheres, nunca teria entrado nesse outro que veio depois. Quando cedemos, somos promovidos. Muitos daqueles militares,

inclusive eu, estão hoje no ministério de tempo integral, no mundo inteiro — missionários, pastores, etc. Você tem que estar disposto a soltar tudo que possui. É injusto, irrazoável, incorreto — e daí? Deus o permitiu. Ele está em controle da situação. Fé é isto!

UM ISAQUE OU UM ISMAEL?

Romanos 4 fala a respeito dos passos de fé do nosso pai Abraão. Uma coisa que tem se tornado muito claro a mim é que fé não é uma condição estática. Não é sentar-se num banco da igreja e dizer: “Tenho fé”. A fé é um caminhar onde depois de cada passo vem mais um. A Palavra diz que Abraão é pai de todos os que crêem — se andarmos nas pisadas onde ele andou (Rm 4.12). A fé

de Abraão foi progressiva. Lendo Gênesis, do capítulo 12 ao capítulo 22, você verá todos os passos progressivos da fé de Abraão. O que ele fez em capítulo 22 lhe seria impossível em capítulo 12. No capítulo 22 a sua fé alcançou um sublime clímax. A razão disto é que cada vez que Deus disse: “ande”, ele andou. Cada vez que Deus lhe ofereceu um desafio, ele o aceitou. Desta forma ele foi sendo edificado e fortalecido. Tiago diz na sua epístola que através das obras a sua fé foi desenvolvida e amadurecida. Recebemos a fé como uma dádiva, mas depois ela é desenvolvida e amadurecida através de andar em passos de obediência.

Outra coisa que deve ser esclarecida aqui. Deus havia prometido a Abraão um filho, um herdeiro e uma herança. Mas você lembra que a promessa demorou a se concretizar. Depois de 12 anos, não havia aparecido ainda o herdeiro. Sara tinha 78 anos e para ela não havia esperança. Quanto a ela, pensava que nunca poderia ter um filho. “Devemos fazer alguma coisa.” Talvez as palavras finais catastróficas que podemos usar espiritualmente sejam: “Devemos fazer alguma coisa sobre isto”. E Abraão seguiu o conselho da sua mulher — o que foi um erro — e teve um filho através da empregada de Sara, Hagar.

Nisto não havia nada de imoral, de acordo com as normas e padrões daquele tempo. Mas não era a vontade de Deus. O nome deste filho foi Ismael. Essencialmente, Ismael é o pai dos árabes do Oriente Médio de hoje. Quando medito sobre isto, digo: “Deus, não permitas que eu jamais gere um Ismael!” Pois durante quatro mil anos Ismael e seus descendentes têm sido o maior impedimento da bênção de Deus sobre Abraão, Isaque, e os seus descendentes. Se não pudermos aprender uma lição disto, somos deveras incapazes de aprender. Charles Simpson diz que o filho da conveniência humana é um Ismael. Quando você resolve fazer alguma coisa para ajudar a Deus - Deus o acuda!

A lição que temos a aprender é esta: aquilo que nos valorizamos, que achamos certo, que é fruto de tentativas humanas de fazer o que é certo — representa o maior desastre. Deus nos livre desses desastres. Deus nos livre — a você e a mim — de gerar um Ismael; pois, irmão, se você o gerar, um dia você vai se arrepender. Não estou me referindo a um tipo de plano ou idéia em particular - só sei que qualquer pessoa que der à luz um Ismael, produzirá um desastre.

UM ISAAQUE OU UMA SEMENTE MULTIPLICADA?

Qual a maior prova pela qual Deus nos faz passar? A resposta *em* uma palavra é: *esperar!* Se Deus lhe falar para galgar uma montanha e alcançar o cume, logo você o faz. Se ele lhe ordenar a sentar-se embaixo, no pé da montanha, e esperar, você não suporta. A maior prova da sua fé é ter que esperar. Provavelmente o personagem mais maduro de toda a Bíblia é Moisés. Como foi que amadureceu? Através de quarenta anos no deserto. Quer ser como Moisés? Você já sabe a resposta. Os quarenta anos fizeram de Moisés o homem mais manso sobre a face da terra. Moisés não reivindicava os seus direitos. Ele se afastava e dizia: “Deixe que outro aja”.

Eu me sinto seguro quando posso dizer com toda sinceridade: “Demos o filho à outra mulher”. Que Segurança! Mas quando estou agitado, tenso, e tentando segurar, estou no caminho de desastre.

Em Gn 22.2, Deus falou com Abraão: “Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto sobre um dos montes que eu te mostrarei”. Era uma viagem de três dias de onde Abraão morava até no Monte Moriá. Uma das coisas que pode ser observada na vida de Abraão é que ele não somente obedecia a Deus, mas o obedecia prontamente. Isto é muito notável. Quando Deus falava com Abraão para fazer alguma coisa, ele se levantava de madrugada para fazê-lo. Ele não demorava até o meio-dia para ver se Deus ia mudar de pensamento. No dia seguinte, ele se levantou de madrugada com Isaque e começou sua caminhada

ao Monte Moriá.

Enquanto subiam o monte, Isaque perguntou ao seu pai: “Vejo a lenha, vejo o fogo — mas onde está o cordeiro?” Abraão respondeu-lhe: “Meu filho, Deus há de providenciar um cordeiro”. No capítulo 11 de Hebreus diz que Abraão estava disposto a oferecer o seu filho a Deus e a matá-lo, julgando que Deus era poderoso até para o ressuscitar dentre os mortos. Se você ler Gênesis 22 com muito cuidado, verá porque o autor de Hebreus pode escrever isto. Pois Abraão dissera aos seus servos: “*Nós* subiremos, *nós* adoraremos, e *nós* voltaremos! Ele realmente cria que, mesmo imolando o seu filho, *ambos* haviam de descer.

Assim Abraão chegou ao ponto onde estava disposto a matar o filho-milagre, a sua única esperança de receber a herança prometida por Deus. Com o cutelo ainda levantado, Deus lhe falou do céu. Depois o anjo bradou a segunda vez, nos versículos 16, 17: “Jurei, por mim mesmo, diz o Senhor, porquanto fizeste isso, e não me negaste o teu único filho, que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus.” Coisa estranha essa, pois Isaque era uma dádiva milagrosa de Deus a Abraão e a Sara. Nunca poderiam ter recebido esse filho a não *ser* por uma intervenção milagrosa de Deus. Nasceu graças ao sobrenatural. E Deus pediu deles precisamente o filho que ele mesmo lhes havia dado para que eles o devolvessem a ele, como um holocausto.

Eu tenho meditado sobre essa jornada de Abraão e sobre o que ele estava pensando durante aqueles três dias. “Por que é que Deus quer Isaque? Não foi Deus que nos deu este filho? Não é ele o filho da promessa? Não é por ele **que** havemos de receber nossa herança prometida por Deus? Não temos deixado tudo? Não temos seguido a Deus e o obedecido em tudo? Por que ele está pedindo Isaque?” Não sei se ele pensou ou falou desta forma. Mas quando ele chegou ao ponto onde estava disposto a entregar seu filho, Deus falou: “Está bem, agora eu sei que você estava disposto. Doravante, eu o abençoarei mais do que em qualquer outra época e multiplicarei a sua semente”. Quem era a sua semente? Isaque. Está vendo a lição? Se ele tivesse segurado o seu filho, ele só teria o Isaque. Quando ele ofereceu Isaque, recebeu-o de volta, multiplicado além da sua capacidade de calcular.

Isto é verdade. Quando Deus nos dá alguma coisa, que veio da parte dele, e é preciosa, especial, milagrosa — um dia, Deus vai nos dizer: “Eu a quero de volta. Devolva-me. Imole-a. Estenda-a sobre o altar”. Neste ponto, ou você vai seguir nas pisadas de Abraão, ou você vai perder a bênção de Deus. Já vi muitos servos do Senhor cometer esse erro fatal de não abrir mão e segurar o seu Isaque. No fim eles têm somente Isaque. Creio que a maior prova de um servo de Deus é se está disposto a colocar o seu ministério sobre o altar.

Tenho lutado, de todas as formas, pelas verdades de libertação — física e espiritualmente, em oração e jejum. Mas chegou um tempo em que Deus me uniu a outros três irmãos. E eu disse a esses irmãos: “Se vocês sentirem que meu ministério de libertação não é bíblico ou se torna ofensivo aos irmãos, deixá-lo-ei”. Você acha que isto não custou um preço caro? Posso lhe dizer que me custou muito caro. Mas louvo a Deus hoje porque praticamente não preciso mais exercer o ministério de libertação. Deus tem multiplicado o que lhe ofereci. Quando ofereci-lhe o meu Isaque, ele o multiplicou. Posso viajar praticamente a qualquer lugar nos Estados Unidos e pregar sobre libertação e encontrar homens qualificados para fazerem a obra. Mas não era assim há dez anos atrás. Creio que se eu tivesse segurado o meu Isaque, hoje eu só teria um pequeno Isaque.

O GRÃO DE TRIGO - NA SUA MÃO OU NA TERRA?

João 12.24: “Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto.” Sempre apliquei este versículo à morte de

Jesus. E sem dúvida, isto está certo. Jesus foi o grão de trigo, que se dispôs a entregar a sua vida. Ele caiu na terra, foi sepultado e da sua morte, sepultamento, e ressurreição resultou muito fruto. Mas tenho visto que não só isto é verdade, mas também cada cristão tem na sua mão um grãozinho que Deus aí colocou — representando o seu dom, o seu ministério, o seu talento, algo precioso que Deus lhe deu. “É meu, eu posso fazer, posso expulsar demônios, posso orar pelos enfermos, tenho a palavra de conhecimento.” É tão bom segurar isto na sua mão e sentir que é a sua propriedade. Mas Deus está falando que se você o mantiver ali na sua mão, você terá só aquele grãozinho, único e pequeno. Pode até escrever ali o seu nome e por nele o seu clichê — mas nada mais receberá. Qual a alternativa? Soltar, deixá-lo cair! Mas, você quer dizer: “Deixar o meu ministério cair, o meu talento, o meu dom?” Sim, deixe-o cair. Deixe-o cair na terra para ser sepultado ali, perdido e escondido. Você não será o proprietário mais. Mas uma coisa posso garantir: Deus se responsabilizará por isto. Ele tem garantido o fruto deste ato.

Creio que é a esta posição que estamos chegando. Muitos de nós enfrentarão essa escolha. Quero promover-me a mim mesmo, estabelecer a minha reputação, edificar o meu ministério, o meu alcance, o meu acampamento, o meu movimento de jovens, o meu centro de libertação, e interessar-me pelo fato dele ser meu? Ou se eu for injustamente desafiado e os meus direitos questionados, estarei disposto a dizer à mãe falsa: “Tome o menino”? Amo o “menino” ou amo a mim mesmo? Pergunta muito profunda. Creio que, seja o que for que Deus lhe der, chegará uma hora em que Deus lhe dirá: “Solte-o, deixe-o cair”.

Eu estou feliz hoje porque tenho deixado algumas coisas cair por terra. Se ainda estivesse carregando-as, teriam me levado a cair também! Dos servos de Deus, creio que sou o mais folgado. Tenho o que fazer, mas não demais. Você sabe que não é espiritual ser muito atarefado? Deus só fez de você uma pessoa, e você nunca conseguirá fazer a obra de duas pessoas satisfatoriamente, seja qual for o seu esforço. Um irmão contou certa vez a sua decisão de deixar o “urgente” para fazer somente o “importante”. A maioria dos pastores está enterrada de tal forma sob as coisas urgentes, que nunca chega a realizar o importante.

Uma das orações mais importantes de toda a Bíblia está no Salmo 90: “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio”. Ensina-me como utilizar o meu tempo. Você sabe que Jesus nunca estava com pressa? Ele nunca estava apertado, ou ocupado demais. É apenas uma ampliação de seu ego quando você se torna indispensável a tantas atividades. A maioria das pessoas realmente quer ser imprescindível. Mas quanto a mim, a minha maior vitória é quando a situação não precisa mais da minha presença ou função. Isto é a prova de que fui bem sucedido.

Deus tem me mostrado que tenho duas opções. Posso continuar envolvido no meu próprio ministério, usando a fé e o poder que Deus tem me concedido à medida do possível e conseguir com isto uma espécie de triunfo pessoal, porém terminando sem um sucessor. Neste caso não haveria fruto permanente no meu ministério. A outra alternativa é: não seja ambicioso para si próprio, não promova seu próprio ministério - faça um investimento nas vidas de outros. Que eles recebam a honra e o reconhecimento. Que eles tomem conta da obra no ponto onde você precisa sair. Que eles sejam mais bem sucedidos que você.

Desde menino, eu sempre fui uma pessoa bem sucedida, sobressaindo sobre os outros ao meu redor. É um princípio profundamente implantado na minha natureza esperar que isto sempre ocorra. Mas Deus me mostrou que há um princípio superior de sucesso. Que aquele pequenino grão de trigo que você tem na palma da sua mão caia ao chão e morra - e Deus tomará conta das conseqüências. Com isto me tornei completamente livre — pois não me importo sobre o que acontece com meu ministério. Se nunca mais expulsar um demônio — não tem problema! Posso desaparecer de vista — contanto que eu tenha investido o que tenho num lugar onde produza fruto. Posso deixar cair e morrer tudo que possuo pessoalmente.

Tenho sido empolgado com a palavra: segredo. Em 1 Co 2 lemos sobre a sabedoria de Deus oculta e escondida. Em Salmo 51 fala sobre o desejo de Deus de encontrar a verdade no íntimo da pessoa e de fazer-nos conhecer a sabedoria no secreto da nossa alma (v. 6). Em Salmo 91.1 fala: “O que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente”. É um lugar belo - o esconderijo, a sabedoria oculta, o conhecimento secreto. O que é secreto é escondido. Se você quiser habitar no esconderijo, tem de estar disposto a ser escondido! Sua personalidade, sua reputação, seu ego, podem ser apagados.

Pense sobre a vida de Jesus. Ele passou trinta anos numa vida perfeita na família, três anos e meio num ministério público, e quase dois mil anos em intercessão. Você quer uma vida nessa proporção? Quem domina o mundo para Deus é o intercessor. Quase todos os intercessores são inteiramente desconhecidos. Você está disposto a sair da cena de ação? Qual foi o último aparecimento público de Jesus aos olhos do mundo? Na cruz. Depois, quando apareceu novamente, como foi sua manifestação? Nos ministérios dos seus discípulos. Ele caiu na terra, morreu, e resultou o fruto. Você está disposto a fazer isto?

Você está agarrado ao seu Isaque? Está falando: “Ó Deus, é meu! Tu mo deste”. Sabe o que Deus está falando? “Devolva-me. Coloque-o no altar. Tome o cutelo. Se você fizer isto, no meu tempo e ao meu modo, quando eu quiser, eu abençoarei e multiplicarei o seu fruto além da sua capacidade de compreender ou calcular.”

- 00000 -

A BÊNÇÃO DA TRAIÇÃO

POR H. L. ROUSH

A neve caía silenciosamente como plumagem flutuante, cobrindo a terra parda e manchada por uma camada alvíssima. Havia caído neve a noite toda e eu estava contemplando da janela do meu escritório esta primeira nevasca de inverno com um coração contente e quieto. Era o dia seguinte ao Dia de Ações de Graças e esta nevada me fornecia desculpa suficiente para que eu desacelerasse meu horário atarefado e gastasse o tempo necessário para gozar a comunhão da minha família. Tínhamos muitos motivos para dar graças naquele ano, como aliás sempre tivemos.

A calma preciosa daquela manhã foi destroçada pela chamada insistente do telefone. Seria o primeiro elo numa corrente pesada que em breve me envolveria em desespero e tristeza; pois a voz no telefone me informava que um grande transtorno acabava de penetrar na minha vida. As circunstâncias que acabavam de suceder, colocariam todo o meu ministério em perigo, e pressagiariam a ruína potencial da minha vida familiar e pessoal. É espantoso notar como o mundo toma outro aspecto de acordo com as nossas circunstâncias. Verdadeiramente, a beleza está nos olhos de quem contempla, pois a alvura tranqüila da neve agora representava apenas uma hipocrisia que escondia os fatos duros e cruéis que estavam, como eu bem sabia, sob sua capa enganadora. Denúncias sérias haviam sido feitas contra mim por um acusador desconhecido, mas Deus conhecia meu coração que eu era uma vítima inocente de circunstâncias distorcidas. Eu só podia clamar: “Ó Pai, quem teria feito isto?” Minha oração foi respondida dentro de poucos dias e com a resposta veio a dor mais aguda de todas, pois descobri que meu traidor fora um amigo que professava me amar.

Por dois dias meditei em silêncio estupefato e desespero tenebroso. A crise na qual me encontrava já era suficientemente séria, mas ela se complicava e ultrapassava, segundo eu pensava, as minhas forças para suportá-la por causa do fato incrível de que o instrumento desta aflição na minha vida era alguém que partia pão comigo em torno da mesa do Senhor e que freqüentemente expressava o seu amor por mim.

Nossas experiências “pessoais” não são tão pessoais ou peculiares quanto geralmente imaginamos — o que sucede nas nossas vidas como membros do corpo de Cristo está acontecendo para trazer conforto e apoio a outros (2 Co 1). Está “acontecendo” porque é a herança mútua dos membros do corpo de Cristo compartilhar dos sofrimentos da cabeça (Fp 1.29; Cl 1.24).

A CERTEZA DA TRAIÇÃO

A experiência debilitante de ser traído pelos próprios amigos e amados necessariamente virá à vida de cada crente. Baseio esta observação em muita experiência na vida cristã e no ensinamento claro e simples da Palavra de Deus. É uma descoberta interessante aprender que a palavra “trair” e suas formas derivadas são empregadas somente em relação à traição de Jesus por Judas, com uma exceção em Lucas 21.16. Nesta passagem profética, a palavra é empregada para retratar o final da era da graça, e é identificada como uma das marcas características ou sinais da vinda do Senhor Jesus Cristo. No versículo lemos simplesmente o seguinte:

“E sereis entregues (traídos) até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós.”

É terrível aguardar tal acontecimento, mas essa é a promessa clara da palavra de Cristo. A era da graça vai findar com um engano religioso mundial. Será uma hora de grande falsificação — hora perigosa em que se resistirá à verdade por engano e engenhosidade (estudar as palavras de Paulo em 2 Tm 3.1-18).

Creio que todo homem em quem Jesus habita terá nestes últimos e terríveis dias o seu próprio Judas particular; pois no dia de engano e falsificação será preeminente o irmão falso. Além disso, traição é a experiência comum de todo homem que Deus já usou em qualquer época para a sua glória.

Nosso texto em Lucas 21.16 diz que a traição vem por intermédio de “pais, irmãos, parentes e amigos”. Fato espantoso, mas verdadeiro e com boa razão. Em primeiro lugar, nossos inimigos não podem nos trair. Não lhes permitimos se aproximarem suficientemente dos nossos corações. Não temos intimidade suficiente com nossos inimigos. Compartilhamos do nosso coração com os nossos irmãos e amigos. Já que nossos inimigos não nos podem prejudicar, são os nossos amigos que nos ferem. Assim disse o salmista em Sl 55.12-14:

“Com efeito, não é inimigo que me afronta: se o fosse, eu o suportaria; nem é o que me odeia quem se exalta contra mim: pois dele eu me esconderia; mas és tu, homem meu igual, meu companheiro, e meu íntimo amigo. Juntos andávamos, juntos nos entretínhamos e íamos com a multidão à casa de Deus.”

Da mesma forma, toda a história da Bíblia repete o fato da traição que vem por intermédio dos nossos amigos. Abel foi traído pelo seu irmão único, Esaú pelo seu irmão gêmeo, Isaque pelo seu filho, Urias pelo rei em quem ele confiava e pela sua bela esposa. Jesus por seu discípulo dedicado, Paulo por “falsos irmãos”. Não precisamos prosseguir, pois esta verdade solene e grave permanece: freqüentemente são os nossos amigos que se levantam contra nós e desta forma multiplicam nossas aflições na vida cristã.

O MÉTODO DA TRAIÇÃO

O método será sempre o mesmo. Em primeiro lugar, os nossos traidores escolherão cuidadosamente a hora. No caso de Jesus, ele foi traído justamente na hora precisa da sua vida, quando ele precisava mais do que nunca de comunhão com outros homens (Mc 14.37); na hora da sua maior necessidade; e quando ele estava no limiar da sua maior obra (Calvário).

Os nossos traidores também conhecem o *lugar* de nos atacar. João 18.2 mostra que Judas conhecia o lugar secreto do refúgio de Jesus. Eles nos observam e conhecem o nosso lugar de agonia e oração; tendo assim a vantagem da intimidade, atacam-nos num lugar oportuno.

Seu instrumento de traição será sempre o beijo. Encorajam-nos por seu amor para que possamos nos atacar num momento em que estamos desprevenidos. A Palavra de Deus diz:

“Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar” (Sl 41.9).

Há um quadro precioso retratado aqui pelas palavras deste versículo. O sentido original é de um cavalo doméstico de confiança escoiceando maliciosamente um amigo confiante e despercebido, pelas costas.

VITÓRIA SOBRE O TRAIADOR

Qual foi o fim de Judas? A historia registra seu fim trágico, mas encoberto pela obscuridade aparente dos relatos sumários da sua morte, se encontra um drama que tem permanecido demasiadamente oculto.

A fim de colocar este drama na sua devida perspectiva, devemos examinar ligeiramente o relacionamento que existia entre Jesus e Judas. Jesus escolheu Judas e orou por ele (Lc 6.12, 13), assim como ele fez também por Jerusalém que o rejeitou e por aqueles que o crucificaram. Jesus desejou que Judas comesse a última páscoa com ele (Lc 23.14, 15), amou-o e ofereceu-lhe o lugar de amor e comunhão à mesa no cenáculo da páscoa (Jo 13.26). Jesus lavou os seus pés (Jo 13.5) e desta forma expressou-lhe um amor não fingido e verdadeiramente digno do Filho de Deus. Jesus concedeu a Judas reconhecimento total e nunca o apontou como seu futuro traidor, referindo-se a Judas como o seu “amigo” (Mt 26.50). Meditação cuidadosa sobre os acontecimentos que antecederam a traição revela que Jesus ofereceu a Judas toda demonstração de amor possível, e que ele não quis repudiá-lo mesmo no momento do seu crime.

Jesus ensinou em Mateus 5.44 que devemos amar os nossos inimigos, e ele mesmo praticou tudo o que ensinou sobre este assunto. Ainda que soubesse, bem antes, o mal que Judas praticaria contra ele, demonstrou-lhe o seu amor genuíno de toda forma possível.

Em Marcos 14.45 Judas conspira para trair Jesus com um beijo. Há duas palavras na língua original que podem ser traduzidas como “beijo”. Uma significa o beijo da amizade e a outra significa um beijo fervoroso ou o beijo do verdadeiro amor. Agora, venha a Getsêmani e veja a cena final. Judas chega com a multidão armada de espadas e cacetes para prender Jesus. Judas saúda Jesus e beija-o; porém, de acordo com o original, não com o beijo da amizade conforme havia combinado, mas com o beijo de amor genuíno. Só a eternidade poderá revelar o que sucedeu naquele momento no coração de Judas. Possivelmente, diante das tochas tremeluzentes, Judas percebeu no rosto de Jesus a verdade assustadora de que, apesar da sua traição, Jesus ainda o amava, pois lhe chamou de “amigo”. Jesus é levado embora e Judas clama, dizendo que traíra sangue inocente; descobriu que o amor de Jesus por ele era real. Seu coração sofreu, sem dúvida, um abalo esmagador e agora lhe é impossível racionalizar sua loucura ou justificar seu feito infame.

Será que Judas se matou? Parece-me claro que Judas morreu sob a força do amor irresistível de Cristo. Judas destruiu-se porque não podia mais viver consigo próprio nem com os outros - e tudo isto resultou da operação do amor não fingido do Senhor Jesus Cristo. Parece-me que as palavras em Romanos 12.20, 21 neste contexto, de repente se tornam claras:

“Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.”

Não se cumpre assim aquela palavra que afirma: “porque as armas da nossa milícia não são carnis...” (2 Co 10.4), e: “o amor jamais falha” (1 Co 13.8)? De fato, precisamos desesperadamente firmar nos nossos corações que a Palavra de Deus é verdade. Só damos mais razão ao ódio dos nossos inimigos e motivo à traição dos nossos amigos quando retribuímos o mal com o mal.

A NECESSIDADE DA TRAIÇÃO

Há uma outra consideração no fato da traição de Judas. Ele foi escolhido pelo Senhor Jesus Cristo, ainda que o Senhor soubesse de antemão que Judas havia de traí-lo (Jo 6.64). Na minha própria experiência pessoal de traição por intermédio de um amigo, o querido Senhor mostrou-me esta verdade preciosa. Enquanto eu estava passando pelo fogo desta prova, fui deitar-me certa noite, meditando melancolicamente a respeito daquela pessoa que professava me amar e que usou

essa confissão para trair-me às mãos de inimigos. Durante a noite, acordei orando e recebi a resposta por meio destes pensamentos: o Senhor Jesus escolheu os seus próprios amigos e sabendo de antemão da traição de Judas, escolheu-o assim mesmo! Ele disse dos seus discípulos que os escolheu em número de doze, mas que um deles era diabo. Eu fui instruído a agradecer a Deus por aquele diabo, pois era necessário ao ministério de Jesus, e igualmente por meu traidor, visto que certamente eu precisava dele na minha vida também.

Que necessidade poderia ter o crente de ser traído por amigos ou parentes, que propósito aproveitável teriam a dor e a tristeza de um coração ferido? Perguntei essas coisas naquela noite e encontrei respostas que vieram ao encontro das necessidades do meu coração. Temos de reconhecer a fidelidade do Espírito Santo nas nossas vidas. Considere o fato de que Jesus nunca foi enganado por Judas.

“Pois Jesus sabia desde o princípio quais eram os que não criam, e quem o havia de trair.” (Jo 6.64).

Estou certo de que em cada experiência de traição na vida de um crente, ele poderá olhar em retrospecto e se lembrar dos avisos fiéis do Espírito Santo. Num caso, recordo-me que eu poderia ter sabido desde o princípio se tivesse apenas prestado atenção ao testemunho do Espírito no meu interior. Quem poderá explicar a natureza de uma advertência ou alarme de Deus dentro da sua alma contra um falso irmão? Isto não se exprime facilmente através de palavras, mas todo santo conhece a inquietude e desassossego que o raciocínio não pode apagar a respeito de alguém que professa ser seu amigo. A experiência da traição põe em evidência a verdade de que a aceitação pública no meio dos crentes, o emprego do vocabulário comum entre os santos, a realização de obras religiosas, a pregação da palavra, ou qualquer outro sinal exterior que normalmente constitui uma “prova” da salvação e probidade de alguém, nem *sempre* manifestam a situação verdadeira. “...porque o homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1 Sm 16.7).

Reconheçamos em cada pessoa a posição que ela mesma professa ter diante de Deus, porém nunca devemos ultrapassar o testemunho do Espírito de Deus nos nossos corações em relação ao nosso relacionamento com outros. Lemos nos evangelhos de muitos que vieram a Jesus e professavam ter fé nele, baseados puramente nos milagres que ele realizava e não numa fé real de coração em Cristo como o Filho de Deus. Atraídos apenas pelos efeitos das suas obras exteriores, consideravam-se seus seguidores:

“Mas o próprio Jesus não se confiava a eles, porque os conhecia a todos. E não precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana” (Jo 2.24, 25).

Nossa obrigação é não abrir os nossos corações a toda pessoa que deseja penetrar no nosso homem interior, mas pelo contrário, permitir que nossos corações sejam inclinados aos outros pelo Espírito Santo que nunca falhará em nos advertir sobre aqueles que procuram nos enganar. Aprendamos que “comunhão” é obra do Espírito Santo e não do homem. Não procuremos estabelecer comunhão sem o seu auxílio e nem a rejeitemos quando claramente ele está criando uma ligação entre os nossos corações e outros no corpo de Cristo.

Por que precisamos da traição? Talvez possamos ver um raio de luz através das palavras de Pedro na sua primeira epístola, quando ele declara que “se necessário, sejais contristados por várias provações”. Isto é necessário porque, como ele explica com tanta perfeição, tais experiências dilacerantes e doídas produzem fruto tanto presente como futuro. No futuro, essa prova da nossa fé, como ouro depurado por fogo, sairá da fornalha da aflição como louvor, glória e honra para o Senhor Jesus Cristo na sua vinda. Se pudéssemos apenas tomar posse deste tremendo potencial no meio das nossas provas, que diferença haveria nas reações dos nossos corações ao desafio do momento? Mas, além disso, (graça sobre graça), as provas duras da vida têm o propósito de realizar

uma obra tão necessária a todos nos — a obra de aumentar o nosso amor e gozo nesta vida presente. Leia 1 Pedro 1.6-8 e lembre que de cada fornalha de aflição saímos amando o Senhor como nunca antes e regozijando-nos na realidade da sua comunhão.

Precisamos da experiência da traição para que aprendamos a verdadeira submissão, ao Senhor. A maior oração que um filho de Deus pode fazer é a oração do Filho perfeito: "...sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado" (Lc 10.21). Quando podermos assim clamar do íntimo dos nossos corações feridos, saberemos que o amargo já passou e que triunfamos; pois a nossa submissão à vontade do Pai nas nossas vidas traz vitória sobre todo ataque que vier contra nós (ver 2 Co 2.14).

Leia 2 Co 4.15-18, onde encontrará outras razões que justifiquem os grandes desapontamentos e frustrações aparentemente inexplicáveis da vida. Paulo põe as nossas mágoas e tristezas de coração na perspectiva certa ao dizer-nos que não estamos sendo atacados no homem exterior, mas sim, no interior. Frequentemente estremecemos por causa do medo das "conseqüências disto tudo na minha vida" e nos esquecemos de que nas horas de provação e dificuldade nada poderá atingir o homem interior, se tivermos nos revestido da armadura de Deus. Estas coisas duram apenas um momento em comparação à eternidade e um dia operarão um eterno peso de glória. Estas águas profundas só servirão para erguer os nossos olhos dos laços terrenos e das "coisas" deste mundo e firmá-los sobre valores eternos. O inimigo gostaria de nos acobardar e escurecer a nossa razão, fazendo-nos concentrar a nossa atenção sobre os detalhes temerosos da experiência exterior. Dessa forma, enquanto nos ocupamos com preocupações inúteis sobre o exterior, frequentemente somos feridos no homem interior, e conseqüentemente derrotados. Quantos santos têm sobrevivido aos ataques exteriores apenas para caírem, feridos mortalmente por amargura, ressentimento, malícia e um coração que não perdoa. Nas horas de traição, que os santos aprendam em primeiro lugar a cingir os lombos da sua mente em Cristo e a apropriar-se de toda a armadura de Deus, que na verdade significa se revestir de Cristo em toda a sua força e vigor.

A BÊNÇÃO DA TRAIÇÃO

Considere a bênção que a traição traz quando aprendemos através dela a reconhecer tão somente a mão do nosso amoroso Pai que está no céu, em todas as coisas. Damos muitas vezes mais glória ao diabo, ao mundo e à carne nas circunstâncias das nossas vidas do que merecem. Culpamos os nossos inimigos quando somos esbofeteados; mas recebemos grande paz e quietude de coração quando nos recusamos a reconhecer causas secundárias nas nossas vidas. Deus é soberano e ele é nosso Pai. Ele se agradou em permitir que essas coisas nos acontecessem e a nossa parte é crer que "...todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus e daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28).

Na bênção dessa quietude, Davi suportou com um espírito paciente a maldição de Simei e proibiu que se retribuísse mal algum pelo mal praticado. Davi viu apenas uma mão atrás de tudo isso — a mão amorosa de Deus operando o bem através do mal de Simei.

José foi cruelmente traído pelos seus irmãos, lançado numa cova e vendido como escravo, para depois ser favorecido por Potifar e outra vez maliciosamente traído pela sua esposa. Lançado no cárcere, ele se tornou amigo do mordomo do rei e brevemente conheceu a agonia do beijo mais uma vez. Mas os anos passaram e o Senhor se lembrou de José e o exaltou ao trono do Egito em vitória. O segredo bendito da sua sabedoria, sim da sua paciência triunfante e conquistadora, é revelado nas suas palavras aos seus irmãos: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem." (Gn 50.20).

Pedro manifestou essa mesma verdade na sua perspectiva da cruz do Calvário. Mesmo acusando a nação de ter tomado Jesus com mãos de iníquos para crucificá-lo e matá-lo, Pedro não

viu nisto nenhuma vitória de Satanás; porém, anuncia triunfantemente que o Senhor Jesus Cristo foi "...entregue pelo predeterminado desígnio e presciência de Deus" (At 2.23).

E assim, mui amados santos de Deus, que neste momento se encontram em perplexidade por causa da traição de um amigo, reconheçam nesta hora que Deus bem poderia ter impedido o acontecimento se assim quisesse, mas o permitiu para o seu bem. Regozijem-se nesta bênção, pois ele está aceitando-os como filhos e preparando-os como instrumentos de conforto e consolação a outros (2 Co 1.3, 4). Ele tem agraciado as suas vidas com o privilégio glorioso de compartilhar dos sofrimentos mais íntimos de Cristo (Fp 3.10). Esta comunhão é dada a um grupo selecionado, pois nem todos gozam o privilégio de conhecer a agonia da traição, cuja finalidade é levar-nos a compartilhar em alguma medida a profundidade do amor de Cristo. Seu traidor intentou-lhe mal, mas Deus tornará tudo para o bem; e como Jesus escolheu Judas porque ele precisava daquela traição na sua própria vida, da mesma maneira Deus na sua fidelidade tem escolhido os nossos traidores - pois ele sabe muito bem que se deixasse a escolha para nós, nunca teríamos aceitado.

Mas alguém pergunta: "Escolheu os nossos traidores? Que bem podem fazer a nós?" Você se esqueceu que a traição de Judas levou Jesus Cristo à sua maior obra e desencadeou os eventos que cumpriram os propósitos eternos de Deus em Cristo? A redenção eterna pelo sangue de Cristo foi o fruto daquele ato infame de Judas! O fato permanece que nossos amigos não farão isto por nós. Somente os nossos inimigos nos entregarão à dor de circunstâncias além do nosso controle, desta forma realizando ou prestando um verdadeiro serviço aos santos de Deus.

Foi um traidor que me entregou a circunstâncias que transformaram o curso do meu ministério e me libertaram à maior obra da minha vida. Foi um traidor que trouxe sofrimento à minha vida, cujo resultado foi a minha libertação da dependência de homens e que me tornou livre no Senhor!

A bênção da traição? Só Deus poderia fazer assim, mas eu descobri que o paradoxo destas palavras contém uma realidade. A traição às mãos daqueles em quem temos confiado os nossos corações, pode trazer uma bênção impossível de se conter. Através da traição aprendi o que o salmista quis dizer quando cantou:

"Com isto conheço que tu te agradas de mim; em não triunfar contra mim o meu inimigo" (Sl 41. 11).

Também o que o profeta quis dizer quando escreveu:

"Toda arma forjada contra ti, não prosperará; toda língua que ousar contra ti em juízo, tu a condenarás; esta é a herança dos servos do Senhor, e o seu direito que de mim procede, diz o Senhor" (Is 54.17).

Através da traição aprendi que a força e graça do Senhor Jesus Cristo na minha vida só podem ser operadas através da bênção da fraqueza que é produzida pelas bofetadas do mensageiro de Satanás como um espinho na carne (2 Co 12.7).

Através da traição somos preparados para a bênção de sermos usados para confortar outros que atravessam a mesma prova da sua fé, com a mesma consolação que nós mesmos recebemos de Deus (2 Co 1.4).

Através da experiência de traição por falsos amigos, recebi uma das maiores bênçãos da vida ao aprender como amar os meus inimigos e abençoar os que me perseguem.

Quando se concretizar a bênção da traição, olharmos em retrospecto, e virmos o quanto colhemos na multiplicação de alegria, amor, graça, força e comunhão com o querido Senhor Jesus, nos sentiremos abismados pelo reconhecimento do bem imensurável que nosso traidor tem operado em nosso favor. Não importa quais foram as suas intenções. Importante é o fruto bendito

que ele introduziu nas nossas vidas.